

MORTALIDADE MATERNA NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE CAUSAS EVITÁVEIS E INTERVENÇÕES POSSÍVEIS

Sophia Olchanowska, Giulia Mariotto Rosa, Nilene Sales, Tainara Cristina Gonçalves Passari de Rosa

II Congresso de Ginecologia & Obstetrícia

CURITIBA - PR

INTRODUÇÃO

A mortalidade materna é um importante indicador de saúde pública, pois reflete desigualdades no acesso e na qualidade da assistência obstétrica. Definida pela OMS como a morte de mulheres durante a gestação ou até 42 dias após seu término, no Brasil esse indicador permanece elevado, com 43.196 óbitos registrados em 2024, principalmente por hipertensão, hemorragia, aborto e infecções. Fatores sociais, como o acesso limitado ao pré-natal, agravam o cenário e evidenciam desafios estruturais persistentes.

OBJETIVOS

Realizar uma revisão sobre as principais causas evitáveis da mortalidade materna no Brasil, identificando fatores de risco e desafios e intervenções possíveis.

METODOLOGIA



RESULTADOS

Entre 2010 e 2019, a Razão de Mortalidade Materna no Brasil apresentou média de 58,6 óbitos por 100.000 nascidos vivos, permanecendo relativamente estável. No entanto, em 2020, observou-se aumento expressivo, associado aos impactos da pandemia de COVID-19, tanto pela infecção direta quanto pela dificuldade das gestantes em acessar serviços de saúde, o que comprometeu diagnóstico e tratamento oportuno.

Esse cenário agravou desigualdades regionais: enquanto o Pará registrou 96,1 óbitos/100.000 NV, o Distrito Federal apresentou 21,2/100.000 NV em 2019, refletindo diferenças socioeconômicas, de infraestrutura e de acesso à assistência obstétrica.

Regiões Norte e Nordeste, associadas a baixo Índice de Desenvolvimento Humano, vulnerabilidade social e deficiências no pré-natal foram associadas a maiores taxas de mortalidade. Além disso, análises espaciais em grandes centros, como o Rio de Janeiro, revelam desigualdades dentro do mesmo município, reforçando a influência de fatores sociais, territoriais e de organização dos serviços de saúde nos desfechos gestacionais.

O near miss materno apresentou incidência elevada, com mais de 1 milhão de registros no país, evidenciando falhas no manejo obstétrico, principalmente em situações de hemorragia pós-parto e sepse. A análise por tipo de parto mostrou que, embora cesarianas estejam associadas a maiores riscos de complicações como infecções e hemorragias, partos vaginais em gestantes de risco também revelaram aumento preocupante de letalidade em algumas regiões, indicando fragilidades tanto estruturais quanto assistenciais.

Apesar de avanços, como a Rede Cegonha, a vigilância de óbitos maternos e a obrigatoriedade de investigação desde 2008, ainda persistem desafios relacionados à subnotificação, qualidade da assistência hospitalar e desigualdades regionais. A maioria dos óbitos ocorre em ambiente hospitalar, o que reforça que o problema não está apenas no acesso, mas também na efetividade do cuidado prestado.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a mortalidade materna no Brasil ainda é um grave desafio de saúde pública, cuja redução depende da qualificação da assistência, fortalecimento do pré-natal, protocolos de prevenção eficazes e vigilância do near miss materno, a fim de reduzir desigualdades e melhorar os desfechos gestacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



REALIZAÇÃO



APOIO

